

HANS ULRICH GUMBRECHT ENCONTRA ALEXANDRE GUARNIERI: AS CASAS DE PRESENÇA

Daniel Zanella⁵

RESUMO

Neste ensaio com aspecto de maçã de refeitório acadêmico, defenderei que os esportes, sobretudo a prática de ir a um estádio de futebol, se configuram em significante cerimônia religiosa coletiva contemporânea. Praticarei o que se convencionou chamar de *riskful thinking* (pensamento arriscado), ou seja, cometerei leviandades, tentarei desorganizar o mundo ao redor de novas perguntas e possivelmente não me atentarei à premissa geral do texto. Parto de ideografias do pensador alemão Hans Hulrich Gumbrecht (1948), desenvolvidas em *Produção de Presença* (2010) e principalmente em *Nosso Amplo Presente* (2015). Pretendo, paralelamente, especular como a elaboração literária do poeta brasileiro Alexandre Guarnieri (1974) vai ao encontro da experiência de presencialidade de Gumbrecht e como, no sentido de aproximar o corpo literal das coisas do volume poético, o autor consegue aplicar uma *mecânica* de presença. Para tal itinerário, trarei trechos e considerações sobre os dois melhores livros de Guarnieri: *A Casa das Máquinas* (2011) e *Corpo de Festim* (2014), dando prioridade a este último, que refina o estilo da primeira obra.

Palavras-chave: produção de presença; literatura; mecânica.

ABSTRACT

His essay with Apple appearance of refectory academic, defend the sports, especially the practice of going to a football stadium, are in significant religious ceremony press conference. Will practise what you call order riskful thinking (thinking risky), i.e. make levity, I will try to disrupt the world around new questions and possibly not atentarei me to the general premise of the text. Ideografias birth of the German thinker Hans Gumbrecht Hulrich (1948), developed in the production of Presence (2010) and especially in Our Large Gift (2015). I intend to, in parallel, to speculate how the

⁵ Jornalista e mestrando em Teoria Literária pela UNIANDRADE. contato@jornalrelevo.com

development of Brazilian poet Alexander literary Guarnieri (1974) meets the presencialidade experience of Gumbrecht and how to approach the literal body of things poetic volume, the author You can apply a mechanics of presence. For this itinerary, will bring excerpts and considerations for the two best books of Guarnieri: the engine room (2011) and Body blanks (2014), giving priority to the latter, which refines the first style.

Keywords: production of presence; literature; mechanics.

INTRODUÇÃO

A tarde de 16 de setembro de 2016 foi de coração em palimpsesto — raspa de outros sofrimentos. Eram 15 horas quando cheguei ao estranho complexo da Arena da Baixada, em Curitiba, para trabalhar na cobertura de Atlético Paranaense x São Paulo, válido pela 26.^a rodada do Campeonato Brasileiro. Ao chegar na cabine de imprensa para começar a contar o jogo para os leitores de um ex-impresso local, logo me ajeitei na larga mesa branca e comecei a observar o movimento do público, que, aos poucos, ia preenchendo os espaços vagos atrás dos gols e iniciando sua massa de ritos, com cânticos de apoio, vaias ao oponente e informes no megafone do estádio — como um assessor de Deus se dirigindo aos cativos.

São-paulino, sabia que, em 15 jogos anteriores, o Tricolor do Morumbi nunca havia vencido no novo estádio atleticano, um espaço que, vazio, lembra uma gigantesca exposição de ossos, e cheio se assemelha ao que imagino ser a experiência de povoamento dentro de um imenso buraco provocado por um meteoro. Mas eu estava lá enquanto *raciocínio*, de modo cartesiano, portanto, cabia-me a narrativa positivista do Jornalismo, a lucidez, a *tradução do real*. Torcer descaradamente, ali, seria traição de ofício, impertinência, assim como estar na arquibancada, em estágio de *torcedor real*, ao lado de um torcedor-racional, desses que decoram estatísticas, é equivalente a uma experiência de quase-morte. Em suma, performei ser jornalista por quatro horas e encontrei um amigo jornalista (atleticano) que soube, no intervalo do jogo, que sou são-paulino.

AMPLO PRESENTE

Em *Nosso Amplo Presente – O tempo e a cultura contemporânea* (UNESP, 2015), Hans Hulrich Gumbrecht apresenta fabulários que envolvem as agruras da vida no século 21, sobretudo a nossa relação com as tecnologias e com o corpo — aliás, uma fixação de seu projeto intelectual. “Nas quatro décadas que já levo de pesquisa e escrita, a minha única ideia (que, espero, terá tido algum impacto) toma a forma de uma teimosa insistência em que as coisas-do-mundo, seja qual for o modo do nosso encontro com elas, possuem uma dimensão de presença. [...] Por ‘presença’ pretendi dizer — e ainda pretendo — que as coisas estão a uma distância de ou em proximidade aos nossos corpos; quer nos ‘toquem’ diretamente ou não, tem uma substância” (GUMBRECHT, 2015, p. 9).

De fato, o programa de Gumbrecht em *Amplo Presente* parte de *Produção de Presença*, publicado pela primeira vez na Alemanha, em 2004. No Brasil, saiu pela PUC-Rio, em 2010. Ao escrever, Gumbrecht gosta de conversar, de desestabilizar as convenções acadêmicas, o que gera dois efeitos: 1) Quando menos esperamos, estamos dentro de uma interessante linha de chegada a partir de um contexto difuso; 2) Às vezes, é apenas conversa mesmo. Neste panorama de início de briga, é preciso situar o alemão e o seu campo de peleja: esquecemos do corpo ao dar prioridade, no mundo das ideias, às coisas do espírito. E esta excessiva metafísica espiritual nos levou à *perda do mundo*, da experiência de sentir o mundo de modo palpável.

Alega o autor que as coisas ocupam espaço, são tangíveis aos nossos corpos e não são apreensíveis, exclusiva e necessariamente, por uma relação de sentido. Como exemplo de experiência física e sensitiva, podemos trazer as oito pedaladas de Robinho diante de seu marcador estupefato na final do Campeonato Brasileiro, em 15 de dezembro de 2002 — uma ocorrência singular que Gumbrecht define como de um esportista *perdido na intensidade focalizada*.

Em primeiro lugar, a expressão *perder-se* indica um isolamento peculiar e uma distância dos eventos atléticos em relação ao mundo do dia a dia e suas buscas [...]. Em segundo lugar, aquilo que os atletas e os espectadores ‘focalizam’ — como alguma coisa que já está presente, ou algo por vir — pertence ao reino das epifanias, ou seja, aos eventos da aparência, mais precisamente aos eventos da aparência que mostram corpos em movimento como formas temporalizadas. Por fim, tanto a experiência quanto a expectativa de epifania vêm acompanhadas de — e ainda realçam — halos de intensidade, isto é, de estados

de um grau quantitativamente mais elevado de consciência de nossas emoções e de nosso corpo (GUMBRECHT, 2015, p. 79).

Ou seja, *perder-se na intensidade focalizada* é uma operação de reencantamento — não se trata apenas de vencer, mas da proporção de felicidade e da beleza interna do processo de vencer, de *acreditar*. Mesmo que vivamos em uma lógica resultadista, ainda mais se considerarmos que os melhores jogadores do futebol nacional jogam regularmente em ligas estrangeiras, ainda estamos na busca do arrebatamento.

Aliás, é perceptível em equipes com larga invencibilidade um certo estágio de *flow*, de elevação, de segurança rítmica instintiva. Por outro lado, é muito comum que times em má fase apelem para rituais de exorcismo, como jogar sal em campo, para afastar a *zica*. Também são inúmeros os acontecimentos de atletas que produziram muito em uma temporada e nunca mais repetiram seus estágios de *flow*. “A presença e a crescente importância dos esportes nos dias de hoje ocupam o lugar de alguma coisa — e deveriam mesmo estar no lugar de alguma coisa — que perdemos” (GUMBRECHT, 2015, p. 79-80).

Gumbrecht realiza este percurso de perda trazendo o ideário dos atletas gregos da Antiguidade, considerados semideuses — as vitórias eram reconhecidas como eventos da presença divina. Naturalmente, hoje partimos da cientificidade, da preparação física, do estabelecimento de metas de desempenho, dos estudos tecnológicos para aprimorar a prática esportiva. Infelizmente, o alemão não avança muito em especificidades ou no que seria uma bela jogada (ou mesmo o conceito de beleza dentro de um universo de repetições) e dá pouco espaço para os ritos internos das práticas esportivas — os elementos emocionais, os enredos heroicos de superação, o dízimo público que atletas pagam pela exposição ou pela falta de performance.

Podemos deduzir, sob o risco da imprudência, que *Produção de Presença* é o livro que fará Gumbrecht ser lido para depois do depois. É um livro de embates, de questionamento de discursos e de formatos acadêmicos — o que, em si, já vale o livro. “A palavra ‘presença’ não se refere (pelo menos, não principalmente) a uma relação temporal. Antes, refere-se a uma relação espacial com o mundo e seus objetos. Uma coisa ‘presente’ deve ser tangível por mãos humanas — o que implica, inversamente, que pode ter impacto imediato em corpos humanos” (GUMBRECHT, 2010, p. 13.).

Nesta obra, temos a avaliação da matéria dos fenômenos, via percepção da matéria, do modo como as coisas afetam nossos sentidos. A presença como “a relação espacial com o mundo e os seus objetos”. A obra também traça os primeiros indícios

sobre o esporte como presença. “Em um nível mais abrangente, talvez eu devesse acrescentar que o desejo de presença e de ‘coisidade’, que pretendo enaltecer, não é sinônimo de um desejo de “possuir” ou sequer de ‘agarrar’ essas coisas. Quero insistir, ao contrário, naquilo que pode ser recuperado por meio de uma simples reconexão com as coisas do mundo — e ser sensível aos modos como o meu corpo se relaciona com uma paisagem (quando faço caminhadas, por exemplo) ou à presença de outros corpos (quando estou dançando) com certeza não equivale ao desejo de possuir propriedades ou a devaneios de dominação sexual” (GUMBRECHT, 2010, p. 177). Substância, materialidade e confronto.

CORPO DE FESTIM

Em *Corpo de Festim* (Editora Penalux, 2016), Alexandre Guarnieri assume um daqueles riscos poéticos que apenas poetas (ou pensadores) muito cômicos de suas virtudes estéticas deveriam realizar: escrever sobre uma coisa só. Aqui, a obsessão, o monotema, é o corpo, a materialidade do corpo, a sonoridade que surge do osso, a forma como a nossa máquina física orbita ao redor de nossos sentidos.

sangue / suor / e celulose (ii)

o sal que cada talho
 encontra, arde, demora a curar
 a chaga criada por cada frase exata /
 todo golpe, pancada, cada agressão
 que se aplique, fulgor, alarido de sílabas,
 busca sobrepujar no parágrafo o que tinha
 ou apenas preencha a claridade da página,
 que seu terreno, até então anêmico,
 esteja repleto / são números e letras
 de chumbo o suor de sua pele impressa.

(GUARNIERI, 2016, p. 19)

Como se o corpo fosse uma engrenagem para o constructo literário, ou um médico calejado diante do parto de uma mãe de primeiro filho, Guarnieri expõe as nossas vísceras sem aparente encantamento pelo processo. O autor aproxima nossos órgãos de um projeto poético de solidão, de ser-em-si, com uma tessitura quase bizarra. De seu arcabouço de

vísceras, recebemos a tradução do vazio silencioso das engrenagens do corpo em funcionamento.

de pele é revestido o corpo, tecido
vivo \ no livro, chama-se capa
(o couro sob o título) \ abri-lo:
gráfico grito \ mas como ouvi-lo
se é branco o ruído da celulose,
– tão silenciosa? todo livro fechado
se cala \\ cada nova leitura o amplia.
(GUARNIERI, 2016, p. 22)

Maurice Blanchot, em *O Espaço Literário*, relembra que escrever é entrar na afirmação da solidão onde o fascínio ameaça. É correr o risco da ausência de tempo, onde reina o eterno recomeço (BLANCHOT, 1987, p. 24) [E o que é torcer para um clube, sobretudo de menor expressão, senão a experiência semanal de revisitar dores cativas? Se todo colecionador é um sujeito que se repete em busca da ordenação final do mundo, o torcedor de time pequeno coleciona o amor à frustração].

A engenharia particular de Guarnieri não se encontra apenas em conseguir transformar entranhas em literatura — porque, se o exercício ficasse rasteiro, ainda assim seria literatura. O mérito todo está em utilizar a forma (o excesso de símbolos gráficos ao redor, como um ciclo de células ou de proteção de imunidade) para dizer que o ritmo vem de dentro — assim como a materialidade de um jornal impresso é apenas uma etapa do que é um jornal impresso. Mesmo impresso, o jornal existe antes como ideia, como procedimento. A materialidade é apenas uma *característica*.

(/no filtro: (o baço), (os rins), (o fígado)/)

1.
o filtro imbrica baço, rins (integrados)
no fígado definitivo (todos, na íntegra, definidos) /
discrimina impurezas ao limbo, metaboliza líquido
e película, nega, entrega e delega a certas partículas
e células os abismos da urina que instiga e destila
/ mesmo ágeis (destarte, o que decantam é descarte),
os rins retroagem, ainda que, nesse ínterim (período
restritivo), limpem / este filtro (intrínseco), retraído
e tímido, (no fígado) quanto menos decidido
(seria o vírus? icterícia?), quando vítima

da hepatite: (grita) adoce sua usina,
absorve o ódio, a raiva, toda a intriga;
(GUARNIERI, 2016, p. 36)

Partindo de que “no corpo / há tão pouco espaço / entre um osso e outro”, temos a impressão, a materialidade da superfície, de que estamos num exame racionalista, assim como o comentarista de esquema tático acredita que apreende o todo a partir de seus mapas de calor.

É nítido que interessa a Guarnieri observar os procedimentos por dentro do conceito. Vemos o plano dessa mecânica do corpo, o que cada aspecto interno apresenta de humano, de *religare*, de místico, de “centelha presa ao medo da morte”. No uso bruto do cientificismo, o autor apresenta a sua própria fenomenologia íntima.

TERRITÓRIO DE GOL

Atlético Paranaense 1 x 0 São Paulo foi um jogo sofrível, angustiante naquilo que a angústia carrega de constrangimento. Descartando a hipótese de que o único gol da partida pode ter sido uma intervenção violenta da bola, forçando, a contragosto, o atacante Pablo a empurrá-la para dentro do território de gol, o que se apresentou foi um estudo (ou rascunho) de ocupação de espaços, de vencimentos pela imposição da casa.

A Arena da Baixada, por sua proximidade entre torcida e campo e por seu tapete sintético, ainda mais quando se fecha por cima em dias de chuva — e foi um dia de chuva — cria uma sensação negativa de exotismo. E, para um jogador de futebol, exotismo é a falta de um treinador-pai colocando um cobertor quentinho antes de ele dormir. A Arena rouba dos adversários o estatuto de lugar sagrado. De coração cansado, escutei e transcrevi a entrevista coletiva do técnico paulista, posterior ao jogo, lamentando a falta de posse de bola. As dimensões psicológicas sempre ficam no vestiário.

Gumbrecht recorda que, mesmo em jogos ruins, estamos na expectativa da fruição, da elevação, do sublime. “E pode não ser por acaso que os estádios construídos para eventos de esportes de equipe sejam utilizados hoje para eventos religiosos de grandes multidões” (GUMBRECHT, 2015, p. 85). Importante ainda considerar que, arquitetonicamente, estádios não são funcionais. Um estádio, por excelência, rouba quarteirões, impede a construção vertical e permanece a maior parte do tempo desabitado,

quase como uma catedral submersa. Novamente, estamos diante do vazio prévio para a ocupação plena em dias de jogo: experiência religiosa.

Importante, no processo de transcendência pelo esporte, não esquecermos a dimensão de sacrifício do corpo atlético, “(para aplacar a vontade (inútil?) de habitar um corpo /(desde o útero) todo esforço é doloroso / experimentá-lo / aos poucos (lançá-lo ao mar e ao mundo / primeiro / na praia / no raso) como qualquer operário aprenderia / um novo trabalho / em treinos práticos” (GUARNIERI, 2016, p. 9).

O suplício cotidiano pelo qual passa qualquer atleta profissional, isso de submeter o corpo a um ritual de desempenho para momentos futuros de elevação, seja o zagueiro ao desconsagrar um gol em cima da linha ou um volante ao desarmar um articulista e preparar o contra-ataque, desestabiliza a noção de inspiração. “Se fosse necessário insistir sobre o que um tal momento parece anunciar de inspiração, teria que se dizer: ele vincula a inspiração ao desejo” (BLANCHOT, 1987, p. 175).

E o que é o desejo esportivo? A vitória? A performance? O redesenho do limite? Em suas memórias sobre a sua relação com o tempo, capítulo presente em *Depois de 45 – latência como origem do presente* (UNESP, 2014), Gumbrecht relembra que cresceu na certeza de que algum dia alguma coisa crucial se tornaria clara: “viver na certeza de uma presença que não tem identidade é viver num estado de latência” (p. 263), num estado de elaboração. Este estágio pode ser transposto no futebol como o treinamento, como o pão nosso de cada dia; o futebol é a eucaristia. E todos sabemos que, mesmo com todas as possibilidades de acompanhar uma partida de futebol, ir ao estádio corresponde ao prazer máximo da presença.

Uma bela jogada de futebol americano ou de beisebol, de futebol ou de hóquei, aquele elemento sobre o qual todos os torcedores mais experimentados estão de acordo, independentemente da vitória ou da derrota da sua equipe, é a epifania de uma forma complexa e incorporada. Assim como uma epifania, uma bela jogada é sempre um evento: jamais podemos prever se surgirá, ou quando; se surgir, não saberemos como será (mesmo se, retrospectivamente, formos capazes de descobrir semelhanças com outras belas jogadas que tivermos visto antes); desfaz-se, literalmente, à medida que surge. Não há fotografia que consiga captar uma bela jogada (GUMBRECHT, 2010, p. 143).

Um pouco antes, em *Casa das máquinas* (Editora da Palavra, 2011), Alexandre Guarnieri já entregava um itinerário similar, uma infantaria mecânica cujo eixo principal era a anatomia das máquinas — ele configura, a certa altura, a expressão “perímetro de

papel” para significar o conceito pessoal de página em branco (“página ainda crua”). E segue a investigação conceitual.

bitolas

largura reguladora passível de ajuste,
 algo de acoplagem na tão buscada
 compatibilidade dos calibres, que,
 por ocasião de um encontro entre os
 tubos de um oleoduto, à eficácia da
 blindagem análoga à do crustáceo,
 protege a pérola que se pretende
 ileso e inacessível quando a geléia
 negra passa abraçada por suas chapas
 de carapaça (petróleo no miolo, pastoso),
 nas argolas cuja bitola, por
 pressão, progressivamente engorda,
 requerendo o cálculo renovado para a
 última das medidas, distendida, para
 decidir o tamanho adequado a cada
 segmento atracado a toda compostura
 aparente de uma única linha de
 escoamento. entretanto, qualquer
 encontro entre diâmetros estranhos
 entre si reclama as bitolas equânimes,
 sem as quais, nunca se ajustariam
 (daí o milagre da hidráulica) as mais
 variadas alturas, de inúmeras embocaduras,
 ora tão absolutas na coligação.

(GUARNIERI, 2011, p. 50)

Se pensarmos pela lógica de Blanchot, no capítulo *A armadilha da noite*, de que “A primeira noite é ainda uma construção do dia. É o dia que faz a noite, que se edifica na noite: a noite só fala do dia, é o seu pressentimento, é a sua reserva e profundidade” (BLANCHOT, 1987, p. 167), a pulsão primeira que move Guarnieri é o corpo das coisas. Assim, em sua escrita perpassa a vida, os ossos, a *natureza* das máquinas, os espaços-dispositivos: “cinco cilindros, / inchados sob o perigo dum / líquido desconhecido: água / trancada, óleo, um visgo, / o cloro fluido, inóspito, ou / qualquer produto químico; / mínimos” (GUARNIERI, 2011, p. 20)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Hans Hulrich Gumbrecht e Alexandre Guarnieri são correlatos na materialidade. Interessa para ambos as implicações que as coisas têm, e cada qual opera com a sua disciplina — Gumbrecht como pesquisador/explorador/prosador, Guarnieri como articulador em busca de sínteses.

“A gratidão por grandes momentos atléticos se transforma em gratidão por aquelas coisas que aprovamos, de que gostamos e que apreciamos em nosso cotidiano” (GUMBRECHT, 2014, p. 91). O autor insiste que devemos lutar contra a tendência da cultura contemporânea de abandonar, e até esquecer, a possibilidade de uma relação com o mundo fundada na presença. Acredito também ser o caso de pensarmos a falta de leveza para reconhecer nossos limites conceituais e como determinados temas, incluindo o futebol, são escanteados (perdão) por aquilo que carregam de *popularesco*, de chão.

É perceptível também como a linguagem literária abrange melhor com o presente — a literatura como arte da linguagem e catalisadora de sentidos. Em Guarnieri, ela gera novas tensões, para um mundo problemático em suas relações de presença e repleto de ruídos entre o corpo, a vida e a tecnologia.

REFERÊNCIAS

- BLANCHOT, Maurice. **O espaço literário**. Rocco, Rio de Janeiro, 1987.
- GUARNIERI, Alexandre. **Casa das Máquinas**. Editora da Palavra, Rio de Janeiro, 2011.
- _____. **Corpo de festim**. Penalux, Guaratinguetá, 2015.
- GUMBRECHT, Hans Hulrich. **Depois de 1985: latência como origem do presente**. Editora Unesp, São Paulo, 2014.
- _____. **Nosso amplo presente: o tempo e a cultura contemporânea**. Editora Unesp, São Paulo, 2015.
- _____. **Produção de presença: o que o sentido não consegue transmitir**. Editora PUC-RIO, Rio de Janeiro, 2010.